

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ana Eliza Grigório RODRIGUES
Damaris Siqueira BRITO
Joseane de Santana TAVARES

Núcleos familiares e seus valores
Uma reflexão a partir da leitura do romance *Olhai os*
Lírios do Campo de Érico Veríssimo

São Paulo
2009

1 Núcleos familiares e seus valores

A obra de Érico Veríssimo “Olhai os lírios do campo”, publicada em 1938, é um romance que narra a história de Eugênio Fontes, o personagem principal, e é dividido em duas partes.

Na primeira, Eugênio é avisado que Olívia, seu grande amor e colega de trabalho, está em risco de morte após ter sido submetida a uma intervenção cirúrgica. Este parte em uma viagem de carro para encontrá-la, durante o trajeto conhecemos sua vida através de flashbacks que vão da infância até àquele dia em que recebe a fatídica notícia. Na parte seguinte, devido à morte de Olívia, ocorre uma grande mudança na vida de Eugênio; ele repensa sua existência, sua moral e ética, e resolve abandonar a esposa e a casa do sogro, seu consultório luxuoso e assumir a paternidade de Anamaria, filha dele com Olívia. O motivo que levou Eugênio a este caminho de “redenção” foi o desejo de agradar sua amada e seguir seu exemplo de mulher altruísta e convicta de suas crenças, que, aparentemente, prevê a própria morte.

Olívia deixa uma carta para Eugênio e avisa que há outras que ela redigiu, mas nunca teve coragem de enviar-lhe. Em uma destas cartas, Olívia acusa a cegueira humana causada pela ambição e amor ao dinheiro, e cita um trecho do Sermão da Montanha, em que Jesus fala aos homens sobre os lírios do campo, que, apesar de não trabalharem, se vestem melhor do que o rei Salomão. Interessante notar que Eugênio é um homem ambicioso, que nasceu de família humilde e por causa do seu asco à pobreza casou-se com uma mulher de posses, apesar de não amá-la, e por isso teve a oportunidade de viver as duas realidades antagonistas: a miséria e a riqueza.

Érico Veríssimo utilizou este trecho bíblico para intitular sua obra, e ao narrar a trajetória de Eugênio, o insere em diversos núcleos familiares, que vão da miséria à abundância. Mas qual a ligação entre as palavras de Jesus e os ambientes em que este personagem foi incluído? Será que aquilo que foi proferido há quase dois milênios ainda tem algum valor nos dias de hoje? E o que foi retratado de nossa sociedade atual nestes núcleos?

Por isso vos digo: Não estejais ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário?... Olhai para os lírios do campo, como crescem; não trabalham nem fiam; contudo vos digo que nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje

existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Portanto, não vos inquieteis... Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso. (Mateus Cap. 6, vers. 25, 28, 30, 31e 32).

Estas palavras foram proferidas por Jesus Cristo, um dos mais eloquentes oradores da História, que conseguia juntar multidões de ouvintes ao seu redor. Jesus estava em meio a um povo que aprendeu com seus antepassados os princípios inalteráveis da lei divina (os 10 mandamentos), pessoas com rígidas práticas religiosas. Naquela época, os israelitas eram governados por Herodes, o grande, imperador romano, astuto, invejoso e cruel (assassinou as suas duas esposas e pelo menos três dos seus filhos, bem como, deu a ordem para matar os infantes de Belém), mas era um governante eficiente e um exímio político, seu governo era caracterizado por pesados impostos.

Neste cenário, Jesus traz novos princípios morais, pregando o amor ao próximo, o perdão e a justiça. Ele fala dos lírios, que eram flores de pouco valor, pois não precisavam do cuidado humano, utilizadas apenas como combustível em fornos para a fabricação de pães (devido à falta de madeira na Palestina). Apesar de sua singeleza, Deus as vestia de uma beleza incomparável, da qual nem o mais sábio dos reis, o rei Salomão, conseguiu alcançar. Todo judeu conhecia a grandeza daquele reino, ao ponto de, na tradição judaica, dizerem que até seus assistentes vestiam-se de púrpura e derramavam ouro em pó nos cabelos, mas a glória do simples lírio o envergonharia.

Jesus questiona a fé daqueles homens, que se proclamavam “povo de Deus”, e, apesar de suas crenças, se preocupavam mais com bens materiais e posição social. Ele condena a vingança e injustiça que foram evidenciadas através das práticas dos líderes religiosos, quer dar um basta à cobiça e a ansiedade pelo dinheiro. Mas, em momento nenhum proibiu que se fizessem planos e provisões quanto ao futuro, ele não promete dar vestes mais bonitas que o lírio, e sim, o fornecimento do que lhes é necessário. Com isso ele pretende dar uma nova perspectiva espiritual acerca dos 10 mandamentos, e uma nova autodisciplina moral. Quer que aqueles homens reavaliem suas prioridades, e definam o que tem mais valor: os bens materiais ou os relacionamentos interpessoais.

Palavras e questionamentos realizados há quase dois mil anos, mas que se mantêm atuais, pois, apesar do avanço tecnológico, científico, cultural e etc. o homem mantém a mesma natureza exibicionista, preocupado com a aparência, com a posse e não com o âmago do seu ser, aquele que realmente o diferencia dos outros, e permanece

após a morte; através daqueles continuam neste mundo e tiveram o privilégio (ou infelicidade) de conviver com aquele que se foi.

O mais descrente dos homens é capaz de enxergar que o cumprimento das palavras de Jesus poderia transformar a nossa realidade. Se a preocupação com o bem-estar do próximo fosse maior que a cobiça desenfreada, não teríamos que enfrentar uma sociedade inundada na violência, injustiça e disparidade de classes, tão bem expostas na obra através dos núcleos familiares.

O ser humano nasce numa sociedade primária, que é a família. Ela será seu ponto de referência ao longo da vida. E se ninguém pode negar que por ela se relativizam e se resolvem em nível global às carências principais, é mais evidente ainda que sua importância não pode reduzir-se a isso. São muitos mais os seus valores, de modo especial para o que poderíamos denominar o desenvolvimento do ser humano, seu bem-estar neste mundo. A família é em si mesma o primeiro valor.

Não é fácil viver em família e mantê-la. Na vida do lar, é preciso, sobretudo se fazer presente, ser presença. E ser essa presença é muitas vezes escutar sem preconceitos, sem entrincheirar-se numa fortaleza. Na casa de Eugênio existia uma distância palpável entre os membros, eles não tinham prazer em estar uns com os outros. Era uma casa simples, viviam numa “pobreza limpa” devido aos esforços de Dona Alzira, a mãe, que demonstrava seu amor dando certo conforto ao marido e filhos. Tinha sempre palavras esperançosas em relação ao futuro: “Ninguém foge ao Destino - eram as suas palavras - e eu acho que, se ele nos tem trazido tanta coisa ruim, um dia nos pode trazer coisas boas”. (VERÍSSIMO, 1938, p.24)

Apesar dos poucos recursos financeiros e saúde debilitada, Ângelo, o pai, se esforçava para manter os filhos na escola. Era um homem passivo, nunca bateu nos filhos ou levantou a voz para repreendê-los, e, apesar dessas qualidades, Eugênio não conseguia amá-lo, pois enxergava apenas um homem inexpressivo, que se queixava da vida, porém não conseguia transformá-la.

Ernesto, o irmão mais novo, desde criança tinha tendência ao vício, e quando adulto tornou-se alcoólatra. Não contribuía financeiramente, não trabalhava e nem continuou os estudos, e, dessa maneira, foi um peso vergonhoso para sua família, a ponto de Eugênio exigir que saísse de casa. E apesar da ausência, fazia-se presente pela tristeza que causava.

“Meu Deus, como era ruim, como era vergonhoso ser pobre!” (VERÍSSIMO, 1938, p.17), Eugênio não admitia ter uma família pobre e viver com privações o

incomodava. Isso o levou, durante a faculdade, a sonhar em ser médico de ricos. E para realizar este sonho foi até as últimas consequências, casando-se com Eunice.

Eunice era uma mulher bonita e acostumada ao luxo. Seu pai, o Cintra, para suprir a ausência materna, realizava todos os seus desejos, por isso não se opôs ao casamento com Eugênio, apesar de não se entusiasmar com a escolha da filha. Tinha ares de gentleman, dono de diversos empreendimentos, deu um cargo irrelevante para o genro em uma de suas fábricas. Eugênio casou-se sem amor, com uma mulher que conseguia inferiorizá-lo ainda mais, pois estava claro que ele não pertencia àquele mundo. Eunice casou como que para realizar uma obra de caridade, mas logo se enfadou deste papel. Formavam uma família de aparências. Eram superficiais e individualistas, não demonstravam sentimentos ou emoções instintivas diante de tudo e de todos. Não importava o estado do íntimo das pessoas, mas sim manter a boa pose diante da sociedade.

Apesar dos esforços de Cintra em tentar tornar a vivência de Eugênio, na casa, fácil e agradável, este não demorou muito para perceber que o “casamento de interesse” não ia lhe proporcionar uma vida feliz e, principalmente, espontânea, sem pensar no que os outros iriam dizer. Tinham amigos, que apesar de serem frequentes na casa, não mantinham um relacionamento estreito. Não conversavam sobre os problemas passados entre quatro paredes, mesmo que estes fossem do conhecimento de todos. Fazia parte deste grupo de amigos Filipe Lobo e sua família.

Filipe Lobo era um engenheiro que conseguiu realizar seus grandes sonhos, mas a duras penas. Diferente de Eugênio casou-se por amor com Isabel, ambos eram pobres, mas lutaram juntos para mudarem de vida. Aos poucos prosperaram social e financeiramente. Formavam uma família unida, que se tornou completa com o nascimento de Dora. Filipe tinha ambições desmedidas, queria construir o maior arranha-céu da América Latina, o Megatério. Para realizá-lo abdicou da mulher e da filha, o Megatério era sua prioridade, seu nome estampado em jornais era seu objetivo, e por isso esqueceu até mesmo de ser humano.

O que nos faz ser família? Há momentos em que somos de fato família e momentos em que somos qualquer coisa menos família. Essa afirmação pode ser contestada, porque, a família é um núcleo de convivência unida por laços afetivos, que costuma compartilhar o mesmo espaço. Mas quem pode negar que isso realmente nós o somos? A realidade humana vai mais longe. A convivência pode ser feliz ou insuportável, os laços afetivos podem encontrar-se assim entre amor e ódio e pode ser

um ponto de referência buscado com ardor ou não. Um exemplo desta realidade é percebido na família de Felipe.

“Preciso falar imediatamente com o Dr. Filipe. - Pausa. Eugênio franziu a testa. – Não pode? Mas é um assunto urgente. - Nova pausa. – Daqui a quinze minutos? Mas é muito tarde. - O Filipe não pode atender... Está numa conferência muito importante... - Vê? Não tem tempo p'ra cuidar da filha. Negócios, negócios e negócios” (VERÍSSIMO, 1938, p.286)

A vida nos foi dada, é uma dádiva que nos foi oferecida, para que dela façamos um dom, dia-a-dia melhor. É difícil entendê-la sem esta luz. O segredo está em dar-se a si mesmo. Em geral, não nos custa dar muitas coisas, costumamos ser esplêndidos, dando coisas, à medida que podemos, que se pode comprar. Como se pudéssemos comprar também a paz, o amor, o afeto. Somos capazes de oferecer um oceano quando na verdade só nos pedem um copo de água! Muitas vezes não nos custa dar coisas, custa dar-nos a nós mesmos, deixar de viver em função de nós mesmos. Quanto tempo é preciso para compreender isso? Há quem, o entenda desde a juventude, quem precise de longos anos, quem só o compreende no final.

É importante pensar no que perdemos quando, ingenuamente, ou por comodidade, ou por falta de reflexão, cremos que vamos encontrar algo, vamos ser mais felizes em tantos outros “chamados” que nos chegam do mundo consumista, de aparências, do mundo do “ter” em que vivemos. Desprovido de sentido crítico, deixamo-nos convencer de que ganhávamos com isso, de que as coisas tinham de ser assim. Filipe perdeu sua família para seus sonhos ambiciosos. E mesmo quando perdeu a filha para sempre, não parou para refletir nos seus erros, simplesmente continuou a perseguir o mesmo sonho egoísta.

Na casa simples dos Falk não havia espaço para o egoísmo. Lá foram acolhidos Olívia, Anamaria e Eugênio; é um lugar de aconchego, calor humano, coisas que não dependem do conforto, mas sim da certeza de ser bem acolhido e amado.

A grande qualidade dessa casa é a hospitalidade. O conceito de hospitalidade tem conotações profundamente humanas e cristãs. Hospitalidade não é um derivado de hospital; este termo tem o seu correspondente no substantivo *voletudinarium*, lugar de saúde; hospitalidade deriva de *hospitalitas*, e refere-se à atitude aberta e espontânea do recebimento feito à outra pessoa; tem a ver com o dever natural de acolher pelo simples fato de alguém estar em necessidade e ter direito a ser protegido em razão da fraternidade universal, da simples condição humana. (GARNICA, 1989)

Na casa dos Falk, a acolhida era algo de todo dia, e várias vezes ao dia. Isso é percebido em muitos trechos do romance. Tinham também seus desgostos, suas dificuldades. Isso é inerente à condição humana, mas sabiam sair dos inconvenientes. Era uma casa como que preparada para acolher Olívia, Anamaria e Eugênio. Foi um privilégio para eles: embora simples, foi profundo na vida de cada um. Quem poderá negar que a simplicidade e a alegria são consequência natural do espírito de família? “Simples” não significa “simplório” no sentido depreciativo desta palavra, nem bobalhões que não sabem o que querem e estão à mercê dos outros. “Simples” opõe-se a “complicado”. Uma coisa é acolher a “personagem”, pelo que representa ou porque não há outra solução, e outra bem diferente é acolher alguém simplesmente porque é uma pessoa.

Da forma como foram acolhidos, fizeram compreender que eram aceitos, que estavam integrados, que se valorizava a presença de cada um. Com isso os Falk transmitiram uma mensagem libertadora. Sentir-se acolhido como se é e não como o outro gostaria que se fosse, é sentir-se aceito, sentir-se integrado em família; é sentir-se pessoa, é aprender a amar e transformar-se. Porque a família não consiste apenas nos laços de sangue; ela inclui relações permanentes, diárias, que se devem consolidar constantemente.

Ter um coração de família, ser capaz de fazer a oferenda de si mesmo, não são teorias mais ou menos bonitas. São coisas bem concretas, é um modo de viver, é o segredo de saber viver. Apesar de não sabermos sobre sua família, seu passado, não poderia deixar de falar sobre uma personagem que soube também ser família, ser acolhedora e simples. É um exemplo de compreensão e determinação. Esta é Olívia.

“... Mas Olívia sorriu para ele um sorriso bom e disse: - Está tudo certo. Eu compreendo, sim, como compreendo! Estas palavras desarmaram Eugênio.” (VERÍSSIMO, 1938, p.134)

“... Estive pensando muito na fúria cega com que os homens se atiram à caça do dinheiro. Eles esquecem o que tem de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura”. (VERÍSSIMO, 1938, p.176)

“Deixo-te Anamaria e fico tranquila. Há nela muito de mim e principalmente muito de ti.” (VERÍSSIMO, 1938, p.176)

Há pessoas a quem não custa dar o perdão, estão prontas para a reconciliação. Elas descobrem o que há de verdade, bondade e beleza no outro e diz a ele. Tem um coração de bons desejos e os exprimem. Não lhes custa acreditar nos outros, e o

demonstram em sua vida. E poderíamos continuar indefinidamente. De todo modo, é preciso assumir nossas limitações assim como a Olívia fez, reconhecendo que nem sempre faremos todo o bem que gostaríamos, que há momentos difíceis, tempos de dor. A vida envolve tudo isso. Mas até o pior pode ser vivido de uma maneira ou de outra.

Fizemos um breve percurso pela vida. Muitas outras coisas poderiam ter sido ditas, não há dúvida. Esta reflexão é imprescindível, embora se mostre como já mencionamos incompleta. Mas só pretendíamos fazer um percurso. Quando falamos de família de que falamos? Como alguns momentos são diferentes de outros, como certas situações são distintas de outras. Quando mergulhamos no interior desta ou daquela família, deixando de teorizar e descendo ao palco da própria vida, vemos que a família é uma realidade dinâmica, em constante evolução, nunca igual, com momentos estelares às vezes impensados. Cada família é um mundo à parte, com propostas e circunstâncias originais, irreproduzíveis. Entretanto, há um fio condutor: o amor.

A família é em si mesma o primeiro valor. Nossa cultura é uma cultura da família. É um valor que se tem como pressuposto, ao ponto de dizer que “a família não é o próximo, é a própria pessoa”. É a primeira escola de conhecimentos, de tolerância, de liberdade e solidariedade, de sacrifício e de fidelidade. A partir da família, o ser humano situa-se na história.

Oscar Wilde disse que “A vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida.”, talvez ele tivesse razão. Estamos cercados da superficialidade de Eunice e Cintra, da ambição desvairada de Felipe, do esforço e esperança de Alzira, da passividade de Ângelo e inutilidade de Ernesto. Mas ainda temos a hospitalidade dos Falks e a aceitação de Olívia. Não encontramos apenas uma destas características em cada indivíduo, mas sim uma complicada teia formada por todas em uma só pessoa. Somos superficiais e ambiciosos, esforçados e passivos, tantas vezes inúteis, e em outras, hospitaleiros e tolerantes. O que nos diferencia é aquilo que sobressai, aquilo que deixamos destacar neste emaranhado de personagens.

O principal é que existam Eugênios o suficiente. Pessoas que andaram por diversos caminhos, mas resolveram reavaliar o que tem valor e o que é apenas ilusão, parar enquanto ainda havia tempo e olhar de verdade para os lírios do campo, e ver que a dedicação pelo que é passageiro (posição social e bens materiais) leva nossa vida embora, mas valorizar aquilo que é eterno renova nossa existência diariamente. E o que é eterno? Aquilo que tem valor e permanece para sempre: A marca que deixamos nas pessoas que estão em nossa volta.

Referências

BIBLIA, N. T. Mateus. Português. *Bíblia Sagrada*. Versão Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. Cap. 6, vers. 25, 28, 30, 31 e 32.

CARSON D.A., MOO, D.J., MORRIS L. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN R.N. *O Novo Testamento interpretado – Versículo por versículo*. Vol I. São Paulo: Milenium, 1979.

GARNICA. E. “Hospitalidade”, *Dicionário de la vida consagrada*. Madrid: 1989, p. 812

GUNDRY R.H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1978.

MACDONALD W. *Comentário Bíblico popular – Versículo por versículo do Novo Testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

STOTT J.R.W. *A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU Editora, 1989

VERÍSSIMO, E. *Olhai os lírios do campo*. 59. ed. São Paulo: Editora Globo, 1938.

Disponível em: http://pt.wikiquote.org/wiki/Oscar_Wilde. Acessado em: 06 de jun. 2009.